

SOBRE UM MESTRE E SEU APRENDIZ

Mariana Andrade da Cruz (UFF)¹

CLÁUDIO, Mário. *Retrato de rapaz*. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

Ficcionista português contemporâneo, há décadas em atividade, Mário Cláudio (pseudônimo de Rui Manuel Pinto Barbot Costa) apresenta uma peculiaridade em sua produção: não raro, costuma redigir textos que flertam com o gênero biográfico, apresentando como protagonistas ou co-protagonistas personagens que efetivamente existiram enquanto indivíduos históricos. Isso ocorre, por exemplo, em *Camilo Broca*, livro que relata as desventuras do romancista oitocentista português Camilo Castelo Branco, e também em *Peregrinações de Barnabé das Índias*, obra em que, conquanto seja focado o ficcional Barnabé, os navegantes Vasco e Paulo da Gama despontam como participantes da trama.

Também é de praxe, na ficção de Mário Cláudio, que os seus protagonistas de fundo histórico sejam artistas – e, aqui, considere-se tanto aqueles que praticam as chamadas artes tradicionais (pintura, escultura, literatura, música) quanto aqueles que se dedicam a atividades artísticas do cotidiano, tais como jardinagem, culinária ou artesanato. Bom exemplo disso é a chamada “trilogia da mão”, tríade inteiramente voltada para artistas de Portugal e formada por *Amadeo*, dedicado ao pintor modernista Amadeo de Sousa Cardoso, *Guilhermina*, sobre a violoncelista Guilhermina Suggia, e *Rosa*, que aborda a vida e a obra de Rosa Ramalho, ceramista. É possível que essa predileção autoral surja de um desejo de flertar com o fator histórico, uma vez que a transposição de fatos verídicos para o campo literário já ocorreu em obras que não focalizavam nomes de grande vulto na história portuguesa e ocidental – é o caso, por exemplo, de *Ursa maior*, que usa como mote um assassinato chocante cometido na cidade do Porto.

¹Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: mariana.and@hotmail.com.

A representação de figuras históricas volta à tona na produção literária do autor com seu último romance, *Retrato de rapaz*, publicado em maio de 2014. A capa, confeccionada por Rui Garrido, apresenta desenhos anatômicos renascentistas e um epíteto: “um discípulo no estúdio de Leonardo da Vinci”. Elementos verbais e não-verbais concorrem para situar-nos na Itália do século XV, local onde se passa a história. Resumidamente, o livro aborda a relação entre o grande nome da Renascença, Leonardo da Vinci, e Gian Giacomo, posteriormente renomeado pelo mestre como Salai – o nome, que significa “diabinho”, é a ele atribuído por sua natureza espevitada e quase demoníaca –, indivíduo que é colocado aos cuidados do artista, enquanto ainda criança, por seu pai: e cabe ressaltar que Giacomo/Salai, assim como da Vinci, é uma pessoa de existência histórica comprovada. Dividido em três partes – “A lição”, “O voo” e “O anel” –, cada uma desmembrada em cinco capítulos, em simétrica repartição, o texto apresenta a infância, a juventude e a maturidade de Salai, assim como o concomitante envelhecimento de seu mestre. O texto é permeado por diferentes imagens de desenhos e ilustrações variados, confeccionados por da Vinci, como que a dar a ambiência necessária às páginas.

O romance é precedido por uma epígrafe de Sigmund Freud, extraída de sua *Carta a Wilhelm Fliess*: “Leonardo, de quem não se conhece qualquer relação amorosa, foi talvez o caso mais famoso de esquerdismo”. A referência apresenta uma possível alusão à homossexualidade leonardiana, visto que a relação entre da Vinci e Salai, além do paradigma entre mestre e discípulo, conteria também o sintagma de amantes – e Mário Cláudio não se furta à insinuação, retratando momentos de afeto e também de sexualidade entre eles. A chegada de Francesco Melzi à vida de da Vinci já na terceira parte do livro, quando o mestre já se encontrava em sua velhice, inunda Salai de ciúmes – e Melzi lhe é tão diametralmente oposto que, ao compará-los, o narrador contrasta “o lago calmíssimo em que o assistente navegava, pouco fundo, mas propenso a repentinas borrascas” e “o oceano impetuoso onde o rebelde efebo continuava a singlar, de abismos enredados de algas e limos, e a todo o tempo sujeito a agitar-se em vagalhões” (Claudio 2014: 106). Cabe ressaltar que, assim como da Vinci e Salai, Francesco Melzi efetivamente existiu enquanto indivíduo histórico, tendo sido discípulo e próximo de Leonardo da Vinci na idade avançada deste.

Seguindo, porém, a linha cronológica, o romance se inicia nos apresentando Gian Giacomo ainda criança, deixado no estúdio de Leonardo da Vinci por seu pai, muito queixoso por tal fato, e ocupado com diferentes trabalhos de limpeza. Sugere-nos o narrador: “Que pretende um mestre do seu criado novo, quando lhe ordena que varra o chão da oficina, que se banhe, que pose para um desenho, e que se preste a calcorrear a viela de escantilhão, nuzinho como um querubim [...] a tapar-lhe as minudências?” (Claudio 2014: 17). Insatisfeito com sua circunstância, Giacomo pratica pequenos furtos, surrupia tinturas e desenhos do mestre, tudo sob a tutela do renascentista, que finge não notar os desvios de comportamento e até compraz-se neles. Considerando-o de uma beleza angelical, e, no entanto, notando-lhe as atitudes não tão corretas, da Vinci renomeia seu discípulo, passando a tratá-lo como Salai, “porque o que diz bem contigo, meu Mafarrico, é um bom par de corninhos” (Claudio 2014: 15).

A convivência entre mestre e discípulo prossegue conforme Salai cresce, se desenvolve e torna-se homem adulto no ateliê de da Vinci. Acontecimentos se

sucedem, como a morte da mãe de Leonardo, Catarina, o regresso a Florença, o trabalho dedicado e conjugado de Salai e seu mestre na famosa máquina de voar, a tentativa da pintura da *Batalha de Anghiari*, e, por fim, a estadia no palácio francês de Ambroise, onde da Vinci passa seus últimos dias. Com sua beleza, advinda dos negros olhos e cabelos, o discípulo serve de modelo para variados quadros do artista. Um dos ápices da narrativa é quando Salai, travestido, posa para um quadro que, embora não nomeado na obra, pode-se claramente deduzir como sendo a famosa e enigmática tela *Mona Lisa*. A chegada de Melzi, porém, tem o poder de minar a relação entre Salai e da Vinci, culminando, no último capítulo da obra, na decadência definitiva de Salai, sacramentada pela imagem com a qual ele se depara no espelho, dentro do cômodo em que seu mestre, agora idoso, repousava.

Detalhar ainda mais os meandros dos acontecimentos que perpassam a trama, bem como revelar os detalhes da cena final, seria descortinar alguns segredos da narrativa que, por ora, convém que fiquem devidamente guardados. Cabe dizer, à guisa de conclusão, que *Retrato de rapaz* revela, mais do que a genialidade de da Vinci ou as estripulias e desvios morais de seu criado e principal discípulo, a simbiótica relação que entre eles se estabeleceu, de modo que, se Leonardo cumpriu o tradicional papel de tutor, que naturalmente lhe cabia, Salai também foi, em vários momentos, fonte de instrução e aprendizado para o mestre. Os dois crescem juntos, o que se torna flagrante em diversas passagens, como a que transcrevemos a seguir e com a qual encerramos esta breve resenha:

Quantas e quantas vezes não tomaria Leonardo na sua mão esquerda, canhoto como era, a mão direita de Salai, seu pupilo, guiando-a no contorno de um desenho, ou no acerto de um tom. Igual à águia que inicia no vôo a sua cria, e que a si mesma se impõe dosear ternura com austeridade, sabedora de que sem a constante presença daquela o benéfico efeito desta jamais se manifesta, o mestre empenhava-se em sentir entre os seus os dedos do aluno, cedendo primeiro à natural fraqueza, mas logo a disciplinando em obediência ao império silencioso a que não conseguia furtar-se. E deste modo se fechava entre ambos um novo pacto de amor, estabelecido sobre a consciência do amante que do serviço ao amado deriva a sua única e incondicional liberdade. (Claudio 2014: 51-52)

REFERÊNCIA

CLÁUDIO, Mário. *Retrato de rapaz*. Lisboa: Dom Quixote, 2014.

RESENHA RECEBIDA EM 01/04/2015 E APROVADA EM 02/07/2015